
A cinemateca brasileira: produções fílmicas e escritas resgatando as fontes primárias na prática da pesquisa em educação¹

Marileide Santana Lima

Mestranda em Educação – UNINOVE,
Bacharel em História- USP,
Especialista em Psicopedagogia _ Osvaldo Cruz,
Pedagoga – UNAR,
Professora da rede pública estadual,
marileidelima@hotmail.com

Neste artigo, busca-se apresentar a produção cinematográfica como fonte de pesquisa da área educacional e mesmo como uma possibilidade de se produzir uma análise histórica da sociedade. Para tanto, traça-se um breve panorama do acervo presente na cinemateca brasileira tendo-a como um lugar privilegiado de preservação das produções fílmicas, revistas e periódicos produzidos em uma época em que a censura permeava toda e qualquer intervenção manifestamente desarticulada com o regime militar. Neste contexto, a revista “Filme e cultura” pode permitir-nos lançar um olhar sobre elementos possíveis e pouco convencionais no fazer pedagógico, dando-nos a compreensão de uma atmosfera de conflitos e questionamentos reveladores daquele momento. É um convite a todos os que estão buscando desenvolver uma visão crítica da educação, tendo como base elementos que nos levem à compreensão da subjetividade presente na relação entre sujeito, passado e presente.

Palavras-chave: Cinema. Cinemateca. Educação. Memória.

1 Cinemateca Brasileira, algumas informações e um pouco de sua história

Numa perspectiva de introduzir mecanismos que favoreçam as nossas práticas cotidianas como educadores e pesquisadores, na relação com as fontes que orientam o nosso trabalho, me parece que fundamentais são aqueles que nos permitem analisar o passado sob diferentes pontos de vista e contextos. Uma dessas oportunidades nos é dada pelo importante acervo documental disponível aos interessados na Cinemateca Brasileira.

A Cinemateca Brasileira, localizada na cidade de São Paulo², representa hoje um marco na valorização da preservação da memória cinematográfica após 60 anos de sua criação. Tendo surgido em 1946, é possuidora de um dos arquivos de filmes mais antigos do mundo e tem dedicado suas ações para recuperar materiais fílmicos considerados desaparecidos, preservando e divulgando a memória do cinema brasileiro. Desde 1948 passou a fazer parte da Federação Internacional de Arquivos de Filmes (FIAF) e a partir de 1984 assumiu a denominação de Cinemateca Brasileira, vinculada ao Ministério da Cultura, por meio da Secretaria do Audiovisual.

A partir de 1997, passou a ocupar o espaço dedicado ao Antigo Matadouro Municipal, e tem desenvolvido um trabalho de recuperar o patrimônio arquitetônico preservando as características originais do local. O corpo da cinemateca estrutura-se em quatro galpões. No I, localiza-se o Centro de Documentação e Pesquisa e a biblioteca Paulo Emílio Salles Gomes, no II, a Sala Cinemateca e no III, ainda em fase de acabamento, será a sala de Exposição e Eventos. Desde o final de 2004, o espaço tem sido readequado para a

reforma e construção de novas áreas de trabalho e a renovação do IV. No terreno que conta com uma área de 24 mil metros quadrados, com parte das edificações tombadas pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) funciona também o depósito de matrizes, contendo quatro áreas climatizadas, com sistema de monitoramento de temperatura e umidade. Essas áreas tanto são responsáveis pela manutenção da boa qualidade dos filmes quanto pela sua conservação e durabilidade.

Quanto ao acervo da Cinemateca Brasileira, ressalte-se que ele é composto por 200 mil rolos de filmes, o que corresponde a cerca de 30 mil títulos. Parte desse acervo provém do depósito realizado por diretores e produtores que confiam a guarda de suas obras à Cinemateca, doações de particulares, incorporações ao patrimônio da União - como o material da extinta TV TUPI - e do depósito legal. Há também, o segmento de arquivos especiais formado pela documentação pessoal de críticos e cineastas brasileiros como Glauber Rocha, Francisco Luís de Almeida Salles, Lucilla Ribeiro Bernardet, Jean Claude Bernardet, Pedro Lima, Plínio Garcia Sanchez, Geraldo e Renato Santos Pereira; além do arquivo de Paulo Emilio Salles Gomes, com cerca de cinco mil livros da área de humanidade, e mais de dez mil documentos referentes à história do cinema e à atuação dos diretores, atores, roteiristas e técnicos. Some a todo esse acervo um arquivo fotográfico constituído por mais de 50 mil peças.

No Centro de Documentação e Pesquisa está à disposição do público um conjunto de documentos e uma biblioteca especializada em cinema. O acervo em papel é constituído por milhares de livros, roteiros e folhetos de divulgação, revistas, pesquisas acadêmicas e outros tipos de materiais referentes ao cinema brasileiro.

Isto posto, não podemos nos furtar da possibilidade de fazer de um filme, ou de uma revista um convite à reflexão de como são produzidas as fontes historiográficas que moldam o modelo de educação que (re)produzimos.

2 Apontamentos sobre a Revista Filme e Cultura

Entre as centenas de revistas existentes e disponibilizadas no acervo da Cinemateca Brasileira, uma, em especial, merece que nos debruçemos sobre seu conteúdo e busquemos nela uma possibilidade de compreensão de um momento particular de nossa história, um período de muitas produções artísticas e culturais que suscitavam discussões políticas e o resgate da relação entre poder público, arte e educação. Nesse sentido, a Revista “Filme e Cultura”, criada em 1966, marca um momento em que se observa, com o acirramento do controle social imposto pelo regime militar, uma tentativa de acender o debate em torno de questões educacionais, merecendo destaque a atuação estudantil nesse período tão conturbado da nossa história.

Assim, numa conjuntura extremamente propensa às tensões sociais, Flávio Tambelini abria o número 1 da revista em 1966, com as seguintes palavras:

[...] a revista se propõe a contribuir para o debate e a informação sobre os diversos problemas do cinema - compreendidos em sua acepção mais ampla - inclusive como comunicação com outros setores da cultura. A revista, editada através de Convênio entre o Grupo Executivo de Indústria Cinematográfica (GEICINE), do

Ministério da Educação e Comércio, e o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), do Ministério da Educação e Cultura, pretende inserir-se no contexto da maior participação federal no desenvolvimento do nosso cinema: seu primeiro número vem a público no exato momento em que o INCE diversifica e amplia a sua linha de produção de filmes, e o GEICINE se ordena para ceder lugar ao Instituto Nacional de Cinema.

Fiel ao conceito da universalidade do cinema e integrando os problemas da produção brasileira na perspectiva dessa visão maior, Filme e Cultura espera somar esforços no sentido de contribuir substancialmente para o pensamento e a ação brasileiros no setor (TAMBELINI, 1966, p. 01 - Apresentação).

As revistas² analisadas tinham um texto introdutório com forte caráter laudatório a respeito da participação federal no incentivo ao cinema. Filme e Cultura dedicava-se também a publicar vários artigos sobre cinema, educação, os Atos, Decretos e Leis que regulamentavam a produção cinematográfica no Brasil, a publicidade em cinemas, convênios firmados, política de preços de ingressos, e, inclusive, uma publicação que elevava a quantidade de filmes de 42 para 56 em 1963, entre outras determinações legais. O corpo da revista é permeado por chamadas de filmes brasileiros como, por exemplo, “Meninos de Engenho”, de José Lins do Rego, e “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de Roberto Santos; artigos de diversos escritores críticos de cinema e sobre educação. Nela escrevem Luís Carlos Maciel, Ely Azeredo, Helio Pellegrino, Siegfried

Kracauer, Sergio Augusto, Jacques Deheinzelin, B. J. Duarte, Antonio Moniz Vianna, P. R. Browne, Roberto de Oliveira Campos, Paulo Perdigão, Salviano Cavalcante de Paiva, José Lino Grünwald, Jurandir Passos Noronha, Ronald F. Monteiro, Guy Boris Lebru, Geraldo Ferraz, entre outros.

Nela, vê-se também a estruturação do projeto final do Instituto Nacional de Cinema, por meio da audiência dos Ministérios da Educação e Cultura, Planejamento e Coordenação Econômica, da Justiça e Negócios Interiores.

Por meio dessa breve exposição nota-se claramente a importância de se promover uma revista que tinha como pano de fundo a divulgação, embora endereçada e seleta, da gênese da produção cinematográfica no Brasil, e os meios pelos quais o poder público se servia para atingir seus objetivos, velados num discurso de promoção da cultura e da educação.

Numa visão dialética dos documentos, longe do paradigma positivista de que a verdade são os documentos oficiais, busco em Ismail Xavier (1977), uma referência em que ele afirma que a “verdade é inalcançável”, porém isso não representa dizer que não devemos persegui-la.

A apresentação dessa revista tem a perspectiva de destacar, na imprensa escrita, uma possibilidade de interpretação dos acontecimentos. Visto como um documento histórico espera-se estabelecer um diálogo com a História da educação brasileira, quando promove uma discussão da utilização do recurso cinematográfico na educação, numa época em que não havia nem sequer a formalização do cinema e buscava-se estabelecê-lo no cenário das artes brasileiras. Nos remete inevitavelmente, a uma análise crítica do seu papel na forma de apropriação do real, como afirma Le Goff citando Carr, “[...]a história não trata nem ‘do passado

enquanto tal’, nem da ‘concepções do historiador enquanto tais’, mas da ‘inter-relação entre os dois aspectos’ [...]”(CARR apud LE GOFF, 2003, página 25).

Com esse trabalho, aqui apresentado de forma embrionária, procurou-se fazer alguns comentários sobre algumas fontes documentais primárias: o cinema e a revista “filme e Cultura”; ressaltando suas contribuições para a percepção e compreensão da natureza da temporalidade da fonte, como elementos que resgatam a memória, e são imprescindíveis para, potencializar no educando a consciência crítica do mundo pela interação com o objeto de estudo.

The Brazilian cinematheque: productions of movies and writings retaking the primary sources in practice of research in education

In this article, it is aimed to present a movie production as source of research of education, and as a possibility of producing an historical analysis of society. For this purpose, it is made a brief presentation of the Brazilian cinematheque showed as an important place of preservation of movie productions, magazines, and journals produced in a moment in which the censorship interfered in every intervention that were not in accordance with the military dictatorship. In this manner, the magazine Filme e cultura allowed us to analyze the non-conventional elements in the pedagogical practice, conducting us to a comprehension of an atmosphere of conflicts and questions that reveal facts of that moment. This is for those that are aiming to develop a critical point of view of education, having elements which give us an understanding of the subjectivity of the relationship among citizen, past and present.

Key words: Cinema. Cinematheque. Education. Memory.

Notas

- 1 Este artigo foi redigido com a colaboração do professor Carlos Bauer do programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro Universitário Nove de Julho (Uninove).
- 2 As revistas eram produzidas bimestralmente. Os números consultados foram os seguintes: 1(set./out.) e 2 (nov./dez.) ambas de 1966 e 3; 4; 5; 6 e 7, de 1967.

Referências

- LE GOFF, J. *História e Memória*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.
- XAVIER, I. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

